
António Mota

diz que

quando escreve é tudo o que quer

Este escritor cresceu numa aldeia perto do Porto, numa casa onde durante muitos anos não houve eletricidade, o que só lhe dificultava a vida, porque, como tinha medo de bruxas, receava sempre que estas aparecessem nos recantos mais escuros da terra onde vivia. Desenvolveu uma relação próxima com as plantas, as árvores e os bichos, pelo que os seus livros falam muito destes temas, tanto os originais, como aqueles que recontam contos tradicionais.

Nasceu e cresceu em Vilarelho, uma aldeia no Norte do país. Quais eram as suas brincadeiras de menino?

Depende da altura do ano. Na primavera o grande fascínio era descobrir onde havia ninhos e pássaros (lembro-me de ver todo o ciclo da criação, desde que faziam o ninho até os passarinhos começarem os primeiros voos). Se fosse no outono, uma das coisas que adorávamos era ir à caça dos cogumelos; não sabíamos quais eram bons e quais não se podia comer... No verão era ir para o rio Ovil, um rio pequenino onde gostávamos imenso de nadar. Também havia os jogos de futebol e sou ainda do tempo da fisga – fiz algumas loucuras com a fisga, ainda se partiram alguns vidros. Depois, quando tinha 7 anos, ler tornou-se uma brincadeira para mim, uma coisa que gostava muito de fazer.



Pedro Macedo - Framed Photos

.....

Apercebia-se de algumas diferenças entre as brincadeiras da sua aldeia e as brincadeiras da cidade?

Nessa altura – estamos a falar de um tempo muito antigo – a aldeia ficava um bocado isolada do resto das coisas. Quando era menino, por exemplo, não havia luz elétrica na minha casa, televisão ou telefone, era tudo bem diferente. O único contacto que tínhamos com gente diferente acontecia em agosto, quando vinham as pessoas à terra passar férias. Diziam que vinham «à província» (fazia-me um bocado de confusão: porque é que Vilarinho passava a ser «a província»?) e traziam coisas que eram novas para nós: carros velhos, mas que para nós eram algo novo, e cheiros diferentes. Era também um tempo de descoberta, de, por um lado, fascínio e, por outro, gosto de ver os outros, que eram diferentes (sobretudo as mãos dessa gente, muito finas, não tinham calos...).

Tinha brinquedos nessa altura? Como é que eram os seus brinquedos?

Tinha. Lembro-me do brinquedo que mais adorava, um bombo que gostava muito de tocar. De cada vez que havia festa na minha aldeia, vinham uns senhores num burro e traziam brinquedos. Estendiam no chão uma manta e punham lá brinquedos de madeira, coisas pequeninas, e também bombos. Gostava muito de bombos, nunca tive nenhum e sonhava tanto com um... Um dia o meu pai, vindo do Porto, chegou a casa e trouxe-me um bombo muito especial porque era deficiente: já não tinha pele, o meu pai tinha-o recolhido numa lixeira, mas recompô-lo e aquele bombo fez-me sonhar e acompanhou-me durante tantos anos... De tal maneira que os meus filhos depois acabaram com ele, mas foi o meu brinquedo de eleição. O bombo e também uma navalha pequenina que me foi dada pelo meu avô e que dava para esculpir coisas em madeira, em casca de pinheiro e de eucalipto, ou, no tempo das abóboras, fazer carrinhos com a casca delas. Era um mundo bem diferente já nessa altura e agora ainda mais.

Lembra-se de ter alguns medos quando era pequeno?

Sim. Tinha muito medo das bruxas. Havia um sítio na minha aldeia com umas escadinhas, chamam-lhe «as alminhas», onde tinha pavor de passar porque diziam que lá apareciam bruxas. Eu não sabia como eram as bruxas. Eram algo de fascinante, mas tinha medo delas. Muitos anos mais tarde vinguei-me e escrevi um texto sobre as bruxas, que está no meu livro *Se Tu Visses o que Eu Vi*: «Numa casa muito estranha / toda feita de chocolate / vivia uma bruxa castanha / que adorava o disparate...». Tinha muito medo de bruxas, mas, por outro lado, gostava de andar pelo cemitério com o senhor que fazia as covas. Cheguei a pegar em caveiras para as ver, isso para mim era natural. Outro medo eram as alturas. Lembro-me que um dia subi a uma árvore de que depois não consegui descer. É horrível e foi uma das coisas que me marcou imenso. Aprendi muito: a gente quando sobe deve pensar como vai descer. Fiquei no cimo de um carvalho muito alto (lá está, ia à procura de um ninho...) e quando dei fé foi muito difícil, mas consegui descer.

Sozinho?

Sim, sozinho. Também me lembro de com 11 anos ficar sozinho na noite, em plena escuridão. Perdi o transporte que me levava da escola para casa, era noite, e foi duro ter de fazer 3 quilómetros a pé na escuridão total – e eu com o tal medo de bruxas... Depois cheguei à conclusão de que não há bruxas, há outras que não aquelas.

.....

Alguns protagonistas das suas histórias ajudam as famílias a trabalhar a terra e a cuidar dos animais. Também ajudava nesse tipo de tarefas quando era jovem?

Sim, tenho a certeza de que muitas das coisas que aparecem nos meus livros surgem de uma forma muito natural. Cada pessoa é diferente e tem o seu mundo. O meu mundo é muito diferente do de outros escritores de outros universos; vi nascer animais, tive sempre uma relação de muita proximidade com eles. Lembro-me de aos 7, 8 anos gostar de fazer corridas de caracóis: arranjava uma erva seca, que era a linha de partida, apanhava caracóis, punha-os todos na linha, dizia «Partida!» e ia-me embora. No dia seguinte ia ver o que acontecia e era sempre estranho, porque nunca lá estavam os caracóis! Tive também as minhas cabras – que também aparecem muito nos meus livros... Tive uma relação muito natural com os animais e a natureza: um animal entre animais.

Quais eram as suas disciplinas preferidas quando estudava?

Gostava de francês, história, geografia e de português, da metade que era interpretação. A parte gramatical chateava-me, nunca percebia muito bem o que era adjetivo, o que é que era... A matemática era complicada, mas fui fazendo. Detestava química, só sabia «H₂SO₄», que é ácido sulfúrico, e outra coisa que cheirava a ovos podres, o «H₂S» (ácido sulfídrico).

Que profissões quis ter quando era jovem?

Tantas! Quando era mais pequenino queria ser «voador», para voar, que seria uma profissão muito bonita. Achava que em vez de serem os carteiros a levar as cartas, a pé, de bicicleta ou motorizada, se houvesse um voador era mais rápido. Lembro-me de sonhar com a profissão de voador, sonhava tanto voar – ainda hoje tenho uma grande cicatriz de experimentar voar (voei pouquinho, depois mergulhei fundo numa pedra e fiquei marcado para toda a vida). Eu queria ser muitas coisas: um dia decidi que queria ser presidente da república e gostava muito de poder ser jornalista, de conhecer mundo e coisas. Nunca pensei ser escritor quando era miúdo, só mais tarde, tinha os meus 15 anos, mas não em escrever para crianças.

Por que é que se tornou professor?

Era um curso que me dava acesso à minha sobrevivência, tinha de ganhar para comer. Não possuía rendimentos familiares para poder andar a estudar, de modo que tive de arranjar um curso rápido: ou ia para professor, ou para regente agrícola ou para enfermeiro. Enfermagem nem pensar, regente agrícola também não me apetecia muito, então fui para professor. Foi isso: uma profissão para ganhar a vida de que depois gostei.

E enquanto professor tinha matérias que gostava mais de ensinar?

É um contrassenso, mas gostava de ensinar matemática e gostava muito de ensinar os miúdos a pensar, cada um ter a sua forma de ver as coisas. Nunca gostei do sistema da matilha, da manada, de modo que a minha função como professor era dizer «Tu és diferente, tu és capaz. Não te podes comparar com ninguém, porque tu és tu». Foi o que tentei fazer sempre. Gostava muito também de os ajudar a desenvolver a criatividade.

Como é que se tornou escritor?

Essa pergunta é muito complicada. Já ando há 32 anos a ouvir essa pergunta. Podia dizer muitas coisas e já respondi de muitas maneiras. Penso que a melhor forma de responder é com duas palavras: não sei. Não sei explicar, aconteceu. Só sei que, para mim, o ato de escrever e de criar é uma coisa extraordinária; sinto-me bem porque ali sou tudo o que quero. É a tal imaginação. Não estou a pensar em ninguém, estou deslumbrado com aquilo que escrevo. Não sei explicar, está cá dentro, a acontecer; essa é a parte mais interessante.

Como surgem as histórias?

Eu costumo dizer «Dá-me um cabelo e eu faço-te uma cabeleira». Vamos supor que tenho um fósforo muito pequenino, acendo-o e faz uma chama muito trémula. Essa chama é o que procuro para a história, é a ideia inicial – depois há muitos caminhos que se abrem, mas há uma ideia inicial. Às vezes a ideia inicial não está em lado nenhum, só nas palavras. Muitas vezes vou escrever e não sei o que hei de escrever, passo duas ou três horas a olhar para o ecrã, escrevo uma palavra ou uma frase (ou nem isso) e, de repente, está lá a chama, o cabelo. Pego nele e sigo. É uma questão também de treino, de trabalho. Há muita gente que pensa (é uma ideia feita) que os escritores têm sempre muitas ideias. Se calhar até haverá, não sei. Eu sou pouco «idiota», as minhas ideias são muito poucas. Acho que o que existe é muito trabalho, um querer – nós queremos fazer as coisas, isso é que é importante, e fazer devagarinho, pois é sério. Cada um tem os seus métodos de trabalho. É fácil quando se escreve um livro ter-se uma ideia; sabemos a história toda... Mas ao fim de 82 livros já as ideias começam a rarear. Tenho sempre muitas ideias que tento concretizar, mas quando chega a hora de escrever não as sei, de maneira que o melhor é esperar que as palavras me deem a tal chama e a seguir a essa ideia vem outra, e outra... Há um livro meu, *Filhos de Montepó*, em que o meu jogo foi: «Vou-me sentar aqui, faz de conta que estou no cinema, deixa ver que filme vai dar.» As imagens que via eram as imagens que descrevia, como alguém que me estava a contar uma história – de modo que sou sempre o primeiro leitor das coisas que escrevo. Não sei explicar de outra forma.

Em alguns livros optou por recontar contos tradicionais em vez de histórias originais. Porque é que fez esta escolha?

Fiz essa escolha porque fui lembrando o meu tempo de infância e o meu contacto com os alunos e, ainda hoje, passados estes anos todos, não há nada melhor que uma história tradicional, uma lengalenga, um trava-línguas, uma adivinha ou um provérbio; todos nós gostamos. Para que as coisas não ficassem paradas no tempo e porque tudo muda, lembrei-me de pegar nas histórias tradicionais e recontá-las com a minha voz e com a voz e o tempo da atualidade. Tenho-o feito e dá-me um prazer imenso, gosto de saber que elas são lidas, que tenho muitos leitores dessas histórias. É pegar na tradição oral e tentar trazê-la para os livros; penso que isso deverá continuar.

Que tipo de relação mantém com os seus leitores?

É uma relação muito próxima. Vou muito a escolas e bibliotecas. Já o faço há trinta anos e há poucos sítios deste país onde ainda não tenha ido. Já tive muitos leitores, já recebi muitas cartas, hoje recebo e-mails e tenho amigos (leitores) no facebook (temos de seguir os tempos...). Mas há sempre uma

.....

coisa estranha entre quem escreve e quem lê. Acho que era melhor nem conhecermos quem escreve, porque pode ser uma decepção. Quando lemos um livro vamos (ou devíamos ir) pela história e não pela pessoa e, às vezes, acho que se lê melhor sem conhecer o autor. Mas o tempo é este e, por outro lado, há também o fascínio de saber quem é que fez as coisas. Às vezes são pessoas como eu, que falam desta forma e que não têm grande coisa, mas pronto... É o autor; é o que é! ■